

AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Arte e eternidade

O Egito



Michelle Coelho Salort
José Alexandre Ferreira da Costa

MICHELLE COELHO SALORT
JOSÉ ALEXANDRE FERREIRA DA COSTA

ARTE E ETERNIDADE: O EGITO

1ª edição

Rio Grande
Michelle Coelho Salort
2018

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Informações concedidas pelo autor

S175a	Salort, Michelle Coelho
	Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : A Arte e eternidade - O Egito. / Michelle Coelho Salort ; José Alexandre Ferreira da Costa. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. Michelle Coelho Salort, 2018.
	16 p. ; il. Inclui bibliografia.
	1. Arte Egípcia . 2. Arte Riograndina.
	3. Técnicas artísticas egípcias. I. Da Costa, José Alexandre Ferreira.
	II. Título
	ISBN 978-85-924816-9-8
	CDD 709.32

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

Arte e eternidade: O Egito

Você sabia que o Egito influenciou a arte grega e que nós, como herdeiros dos gregos, podemos dizer que também somos influenciados pela arte egípcia? Ligamos nossa história diretamente à história desta cultura. Além disso, em nossa cidade, existem elementos arquitetônicos que estão diretamente vinculados à história desta civilização: os **obeliscos**. Você já reparou em quantos existem espalhados por Rio Grande? Vamos conhecer e entender o papel dos obeliscos em nosso município?

A civilização egípcia é uma das mais importantes da Antiguidade, bastante complexa em sua organização social e riquíssima em suas realizações culturais. O aspecto cultural mais significativo era sua religião, que orientava toda a organização social e política. Os egípcios acreditavam em vários deuses, por isso se diz que eles eram **politeístas**. Pensavam que os deuses poderiam interferir na história humana e também na vida após a morte; achavam que esta última era mais importante do que a que viviam no presente e, para garanti-la, realizavam inúmeros rituais religiosos (PROENÇA, 2005).

Garantir uma vida após a morte foi o que levou os egípcios a construírem sua gigantesca obra arquitetônica, como as pirâmides, para que a alma do faraó (considerado um deus na Terra) pudesse habitar o interior dessas construções com conforto e glória eterna, revelando uma verdadeira obsessão pela imortalidade (STRICKLAND, 2002).

É em função de tais atitudes que dizemos que a arte do Egito é para a eternidade, pois além de resistirem ao tempo, elas tinham como propósito o conforto



da vida após a morte. Assim, não é de surpreender que a arte não tenha se modificado durante três mil anos, pois sua verdadeira função era “manter vivo” (GOMBRICH, 1999), definindo o que consideravam essencial para uma grande civilização: literatura, ciências médicas e matemática. Conhecimentos que contribuíram para a permanência de uma civilização que sustentou o primeiro estado unificado de grande porte da antiguidade (STRICKLAND, 2002).

Figura 01. Paleta do Rei Nârmer de Hieracômpolis. 3000 a.C., ardósia, 0,64m de altura. Museu Egípcio, Cairo.

Fonte:

<http://www.akhet.co.uk/cairo.htm>

Acredita-se que a história do Egito unificado teve início há aproximadamente 3200 a.C. Esta data é estabelecida pela “Paleta de Nârmer”, um pedaço de estela (bloco de pedra) em que o faraó Nârmer é representado em um dos lados com a coroa do Baixo Egito e no outro lado com a coroa do Alto Egito (Figura 01). Na imagem, é possível observar que Nârmer agarra um inimigo pelos cabelos e está prestes a matá-lo com sua clava; abaixo, percebemos dois inimigos no chão. Acima, um falcão sobre uma moita de papiro segura uma corrente presa a uma cabeça humana que brota do mesmo solo, tanto o papiro quanto a cabeça representam o Baixo Egito e o falcão representa Hórus, o deus do Alto Egito. Assim, a paleta de Nârmer simboliza a unificação do Baixo e do Alto Egito em uma única nação (JANSON, 1996).



Figura 02. Alto e Baixo Egito.
Fonte: PROENÇA, 2005.

Grande parte do que conhecemos sobre o Egito é devido à exploração das tumbas que restaram. Como acreditavam na existência da vida após a morte, ou seja, que o *Ká* (espírito do faraó) era imortal, eles depositavam seus bens e pertences nas tumbas para que o *Ká* usufruísse deles na eternidade. Além disso, pintavam e escreviam nas paredes os detalhes da vida do morto em forma de hieróglifos. Eram habilidosos na arte da mumificação, pois o corpo do falecido precisava ficar intacto para que o *Ká* pudesse habitá-lo, mas caso o corpo se deteriorasse, eles ofereciam uma estátua feita para perpetuar as feições do falecido como uma alternativa para o *Ká* (STRICKLAND, 2002).

Segundo Strickland (2002, p. 10), a preservação do corpo começava com a extração do cérebro do falecido através das narinas com um gancho de metal. As vísceras – fígado, pulmões, estômago e intestinos – eram removidos e preservados em



Figura 03. Cabeça do Faraó Ramsés II, Museu Egípcio, Cairo.
Fonte: <http://www.akhet.co.uk/cairo.htm>

urnas separadas. O restante ficava imerso em salmoura durante um mês, e em seguida o cadáver em conserva era literalmente estendido para secar. O cadáver, enrugado, era então recheado – os seios das mulheres eram estofados – envolto em várias camadas de ataduras e, finalmente, confinado num caixão e num sarcófago de pedra. Na verdade, o clima seco do Egito e a ausência de bactérias nas areias e no ar provavelmente contribuíram para a preservação do corpo tanto quanto este tratamento químico. Em 1881, 40 corpos de reis foram descobertos, inclusive o do faraó Ramsés II (Figura 03), que tinha a pele ressecada, e os dentes e cabelos ainda intactos. O monarca

de três mil anos de idade, em cuja corte Moisés se criou, era chamado de “O Grande”, e por boas razões: gerou mais de cem filhos durante seus opulentos 67 anos de reinado. No entanto,

quando um inspetor da alfândega examinou os restos de Ramsés II, na transferência da múmia para o Cairo, rotulou-o como “peixe-seco”.

É graças à preocupação com uma vida após a morte, com a preservação do corpo para hospedar o *Ká*, que por sua vez, influenciou sua arquitetura, escultura, pintura e escrita, é que compreendemos alguns aspectos dessa civilização fascinante.

Escultura

A grandiosidade das construções arquitetônicas, as pinturas nas paredes e as esculturas retratavam o faraó e os membros da família, o que mostrava o poder do período faraônico. A escultura trazia em sua essência a eternização do homem após sua morte, e os antigos egípcios acreditavam que o corpo esculpido serviria como substituto caso o corpo do faraó ou de qualquer outro membro da nobreza viesse a se decompor. Para Proença (2005), a escultura representa a mais bela manifestação da arte egípcia no Antigo Império. Segundo a autora, embora houvesse muitas regras para esse tipo de arte, os escultores conseguiram criar figuras bastante expressivas.



Figura 04. Cabeça, 2551-2528 a.C., Kunsthistorisches Museum, Viena.

Fonte: <http://www.khm.at/>

r a o s
e g í p c i o s ,

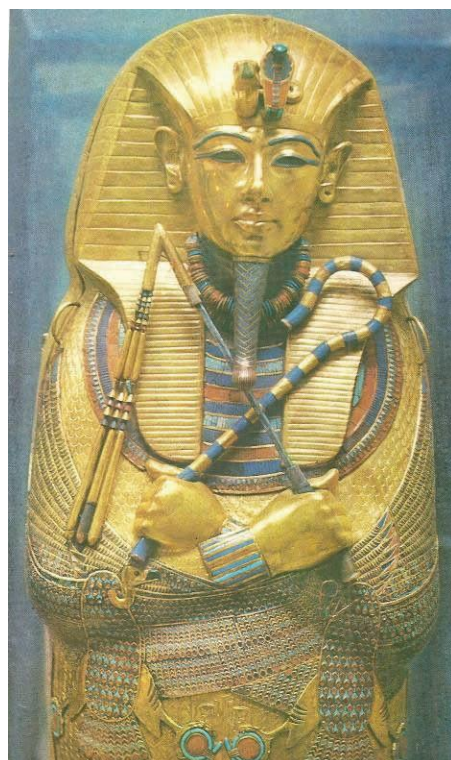


Figura 05: Cobertura do sarcófago de Tutancâmon (parte), 1349 a.C.

Museu Egípcio, Cairo

Fonte: <http://www.akhet.co.uk/cairo.htm>

P
a

somente preservar o corpo por meio da mumificação não era o suficiente, pois era preciso esculpir uma imagem fiel do falecido que reproduzisse seus traços físicos, raciais e a condição social. “Assim, faziam com que artistas esculpisse a cabeça do rei em imperecível granito e a colocavam numa tumba, onde ninguém via, a fim de aí exercer sua magia e ajudar a sua alma a manter-se viva na imagem através dela” (GOMBRICH, 1999, p.58). Dessa forma, o escultor era identificado como “aquele que mantém vivo”.

Gombrich (1999) afirma que emanam destes retratos (Figura 04) uma solenidade e

simplicidade que evidenciam que o escultor não estava preocupado em lisonjear seu modelo, mas sim, em preservar seus aspectos essenciais, excluídos todos os aspectos secundários. Apresentam uma rigidez quase geométrica e ao mesmo tempo revelam uma observação da natureza que acabam impressionando por sua expressão de vida.

Os egípcios acreditavam que o morto precisava ser reconhecido em sua vida após a morte. Assim, depois de enfaixado e mumificado, colocava-se uma máscara com

um retrato idealizado do morto. Essas máscaras geralmente eram feitas de ouro e lápis-lazúli (Figura 05).



Figura 06. O Jardim de Nebamun. 1400 a.C. Mural de um túmulo em Tebas, 64 x 74,2 cm, British Museum, Londres. Fonte: <http://www.britishmuseum.org/>

Pintura

A arte no Egito era extremamente funcional, não importando para o artista o resultado final, mas sim, a preservação de tudo com a maior clareza possível. Tais características estão presentes na escultura, mas é na pintura que podemos observar que tal objetivo se torna mais evidente.

Segundo Gombrich (1999), os artistas egípcios desenhavam de memória a partir de regras escritas. Tudo era pintado de acordo com seu lado mais característico, como podemos observar em o “O Jardim de Nebamun” (Figura 06): o tanque é desenhado como se fosse visto de cima e as árvores, os peixes e aves, de lado, de modo a deixar evidente o que estava sendo representado, por meio de suas características mais essenciais.

Isso também ocorre com a representação do corpo humano: a cabeça é desenhada de perfil, como se os olhos como se estivessem olhando de frente. Já a parte superior do tronco, ombros e braços eram desenhados de frente por serem mais fáceis de serem identificados, e as pernas e pés de perfil. Assim, conseguia-se colocar na imagem tudo que consideravam importante na forma humana. Essa técnica ficou conhecida como “Lei da Frontalidade”.

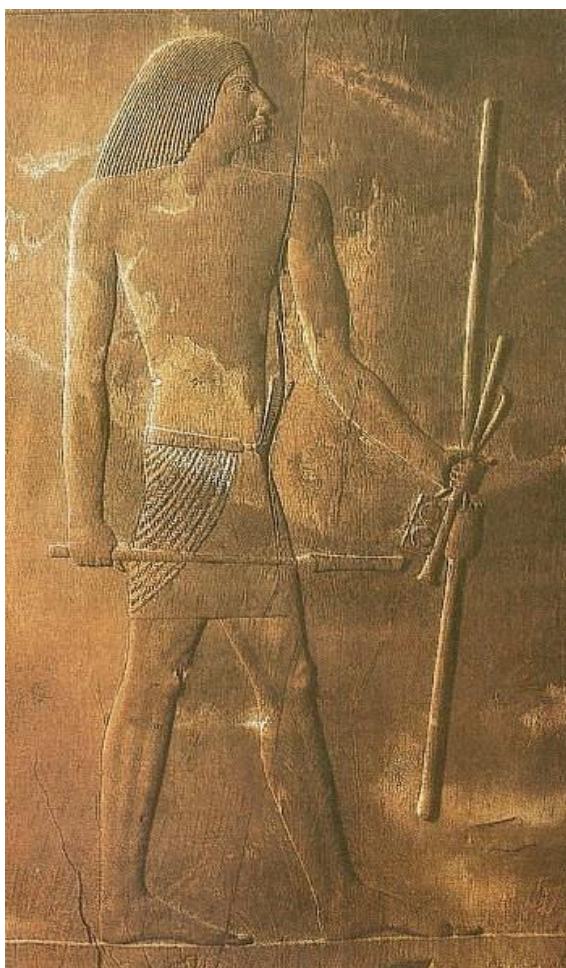


Figura 07: Retrato de Hesire. Porta de madeira em seu túmulo, 2778-2723 a.c.

Fonte: <http://www.histeo.dec.ufms.br>

Em o “Retrato de Hesire” (Figura 07), é possível observar como a lei da frontalidade representava o corpo humano. A cabeça está de perfil, mas o olho está de frente e é colocado na lateral da face. Os ombros e braços estão de frente e pernas e pés, de perfil. Segundo Gombrich (1999), os egípcios tinham dificuldade em visualizar um pé ou outro de um lado exterior, pois ambos os pés são vistos do lado de dentro, e assim o homem na imagem parece ter dois pés esquerdos.

Além da lei da frontalidade, existiam outras regras que os artistas deveriam seguir: as estátuas sentadas deveriam ter as mãos sobre os joelhos; os homens deveriam ser pintados com uma cor mais escura do que as mulheres, além de serem representados segundo sua importância em tamanhos diferentes, ou seja, quanto mais importante era uma pessoa, maior seria sua representação

em relação às outras; a aparência de cada deus era rigorosamente estabelecida: Hórus, o deus céu, tinha que ser apresentado como um falcão ou com a cabeça desta ave; Anúbis, o deus dos ritos funerais, como um chacal ou com a cabeça de chacal. Precisavam também saber a arte da escrita, a qual era bem estruturada, e recortar na pedra, na madeira ou pintar sobre o papiro, de maneira clara e precisa, as imagens e os símbolos dos hieróglifos.

Segundo Gombrich (1999), a partir do momento que o artista dominasse todas as regras, encerrava-se sua aprendizagem, pois era considerado o melhor aquele artista que conseguisse fazer suas obras o mais parecido possível com as obras do passado. Não havia espaço para modificações. Talvez por isso a arte no Egito tenha se mantido quase imutável por três mil anos.

Entretanto, foi no reinado de Amenófes IV, rei da 18ª dinastia, período conhecido como “Novo Reino” que muitas destas regras foram rompidas. Para ele, havia somente um deus supremo, Aton. Por ser devoto de Aton, trocou seu nome para Akhenaton e a sede do governo para uma localidade que hoje se chama Tell-el-Amarna. Além disso, na arte também fez inovações que devem ter chocado os egípcios da época. Em um baixo relevo, preferiu ser representado com sua esposa Nefertiti, fazendo carícias em seu filho sob as bênçãos do sol.

Seu sucessor foi Tutankhamon, cujo túmulo foi descoberto intacto em 1922, repleto

de riquezas. No espaldar do trono real (Figura 08), Tutankhamon está sentado em uma posição nada convencional e sua esposa não é menor que ele; ela coloca gentilmente sua mão sobre o ombro do faraó, enquanto Aton estende suas mãos abençoando os



Figura 08: Detalhe do trono de Tutankhamon que mostra ele e sua esposa. Museu Egípcio, Cairo.
Fonte: <http://www.akhet.co.uk/cairo.htm>

dois (GOMBRICH, 1999). Esse episódio se revela como uma história à parte na trajetória egípcia, pois eles logo se voltaram para suas tradições e nada novo aconteceu nos mil anos que sucederam esse período.

Arquitetura

Em virtude da intensa religiosidade, as obras arquitetônicas revelam grandiosas construções mortuárias que se destinavam a abrigar os restos mortais dos faraós, além de templos dedicados aos deuses (PROENÇA, 2005). Assim, destacamos as pirâmides (Figura 09) como exemplo de construções funerárias, que eram ornamentadas com pinturas nas paredes e grandes esculturas. Entretanto, é importante salientar que a importância dada à questão da morte e imortalidade para os egípcios não é igual em todas as classes sociais, mas somente à nobreza que se agrupava em torno da corte (JANSON; JANSON, 1996).



Figura 09. Pirâmides de Miquerinos (2470 a.C), Quéfren (2500 a.C) e Quéops (2530 a.C), Gizé.

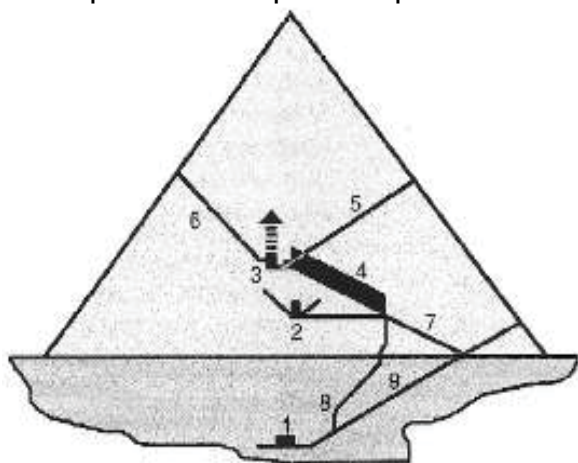
Fonte: <http://historiadaarte2013.blogspot.com.br/2013/04/egito.html>

Antes da construção das grandiosas pirâmides, os egípcios construíram as *mastabas*, um túmulo em forma de trapézio coberto por tijolos e pedras. As *mastabas* reais chegaram a alcançar grandes alturas e logo se transformaram em pirâmides.

Para a construção das pirâmides, os egípcios precisavam de cálculos precisos de matemática para limpar, nivelar e medir o terreno a fim de obter uma base quadrada perfeita; precisavam ainda orientar os lados de forma precisa, sem um compasso magnético. Feita esta parte, extraíam as pedras em Assuã (algumas pesavam cerca de 200 toneladas) e transportavam-nas Nilo acima. Quando finalmente chegavam a seu local de destino, precisavam erguê-las em alturas superiores a 40 andares, usando somente alavancas e rampas de areia que circulavam e acompanhavam a construção da pirâmide à medida que ela ia ganhando altura.

Quando ficava pronta, essas rampas eram retiradas. Para finalizar, desbastavam e poliam as pedras com ferramentas também feitas de pedra e cobre flexível, e encaixavam-nas com precisão em fiadas de alvenaria sem argamassa. Em média, uma pirâmide levava cerca de três décadas para ser finalizada e a obra era executada por milhares de trabalhadores, culminando num ponto perfeito no pico. A pirâmide de Quéops (Figura 10), em Gizé, é a maior estrutura em pedra do mundo e foi construída para durar para sempre (STRICKLAND, 2002).

A porta de uma pirâmide precisava estar voltada para a estrela polar e seu interior era



um verdadeiro labirinto para se chegar à câmara funerária, local onde estava a múmia do faraó e seus pertences, como podemos observar na imagem a seguir (Figura 11).

Próximo ao templo do vale da pirâmide de Quéfren, encontra-se a Grande Esfinge (Figura 12), esculpida em rocha. Para Janson (1996), ela é, talvez, uma corporificação da realeza divina ainda mais impressionante do que as pirâmides.

Figura 11. Desenho esquemático da pirâmide.
Fonte: STRICKLAND, 2002

01 e 02: O projeto incluía duas câmaras mortuárias inacabadas; 03: Câmara definitiva; 04: Grande galeria de acesso; 05 e 06: Fendas estreitas para ventilação; 07: Corredor ascendente (era selado por dentro com tampões de pedra, os operários saíam da galeria por um túnel); 08 e 09: Corredores descendentes.

Sua cabeça revelava os traços de Quéfren em um corpo de um leão que se ergue do solo a uma altura de 20 metros,

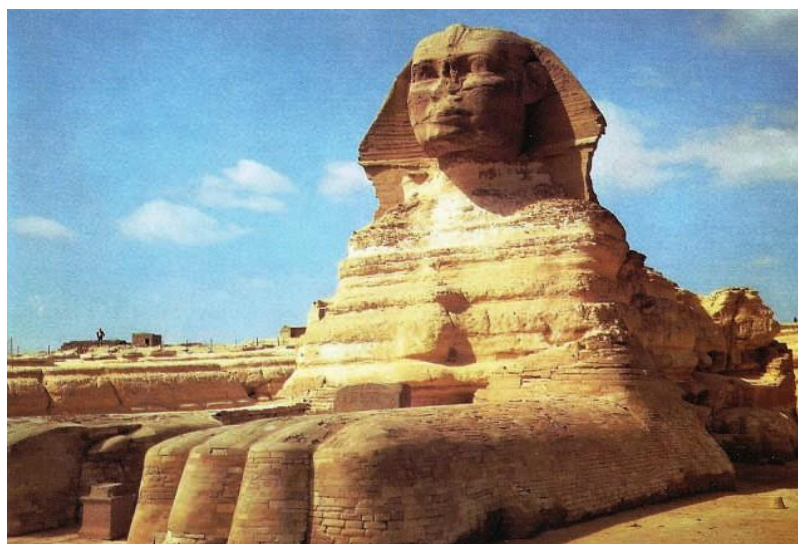


Figura 12. A Grande Esfinge, IV D

Fonte: <http://umolharsobreart.blogspot.com.br/nastia> (c. 2570-2544 a.C.), Gizé.

Você sabia?

Papiro é uma erva nativa das margens do rio Nilo de cujas folhas se aproveitavam as hastes para confecção do papiro, material sobre o qual se escrevia (PROENÇA, 2005, p.17).

Capitel é a parte superior, geralmente decorada que arremata uma coluna (PROENÇA, 2005, p.17).

Outras formas de construções que tiveram grande importância na história egípcia foram os templos, onde os egípcios criaram diferentes colunas inspiradas nos elementos da natureza. No templo de Luxor (Figuras 13 e 14), dedicado ao deus Amon, é possível observar o detalhe das colunas decoradas com elementos da natureza, como a flor de papiro e a flor de lótus. Antes do templo de Luxor, as colunas eram mais simples, sem base, seu tronco era composto por sulcos e o capitel pouco trabalhado (PROENÇA, 2005).



Figura 13. Templo de Luxor.
Fonte: <http://turistavirtual.files.wordpress.com/>

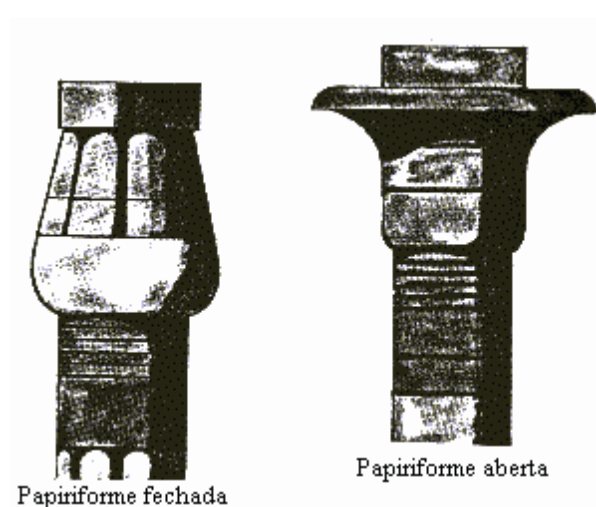


Figura 14. Tipos de colunas egípcias.
Fonte: <http://historiartegipcia.blogspot.com.br/2011/09/colunas-egipcias.html>

Além das colunas, os obeliscos se destacam na cultura egípcia. Os obeliscos são elementos arquitetônicos de base quadrangular e seu topo tem a forma piramidal; são construídos em pedra e geralmente de grande altura. Sua função na antiga civilização egípcia era de proteção ou defesa, como também eram construídos para honrar o Deus do sol Rá.

Os obeliscos eram construídos em blocos monolíticos e representavam o primeiro raio de sol que desceu a Terra. São também um suporte de registro, uma vez

que, desde sua origem, destinam-se a transmitir à posteridade memórias de fatos e/ou pessoas notáveis, já que em suas laterais encontramos os hieróglifos que narram os fatos faraônicos (Figura 15).

Muitos obeliscos foram transplantados do Egito para diversas regiões como Grécia e Roma. Tal ato representa poder, uma vez que, para transplantar tais objetos, era necessário uma verdadeira operação logística (BAKOS; BRITO; SILVA, s/d).



Figura 15. Obelisco no templo de Karnak.
FONTE: <http://www.descobriregipto.com/karnak.html>

Rio Grande e seus obeliscos

É praticamente impossível caminhar em algumas ruas de nossa cidade e não percebermos a presença de alguns monumentos arquitetônicos que remontam à arte egípcia. Desta forma, é possível traçar um paralelo da arquitetura e da arte egípcia, com os obeliscos encontrados em nossa cidade. De características arquitetônicas e estilos diferentes, os obeliscos representam, com seus adornos, a cultura dos imigrantes aos quais são dedicados. Alguns desses obeliscos são:



Figura 16. Obelisco à Colônia Portuguesa.
Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

O **Obelisco à Colônia Portuguesa** (Figura 16), localizado na Av. Portugal, foi construído em pedra para a comemoração do centenário da elevação de Rio Grande à categoria de cidade. Seu topo é adornado com um globo que ostenta o brasão da lusitanidade.

Outro monumento que pode ser observado é o obelisco construído em homenagem à colônia Italiana na cidade de Rio Grande. O monumento está localizado na entrada da cidade, na Av. Itália (Figuras 17, 18 e 19). É possível ver no entorno do monumento adornos que retratam o trabalho, o artesanato e a cultura italiana.



Figuras 17, 18 e 19. Obelisco à Colônia Italiana.
Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

Também é possível observar o **Obelisco à Colônia Libanesa** (Figuras 19 e 20) situado no Jardim Montevideu. O obelisco foi inaugurado em 1935 e possui um relógio.



Figuras 19 e 20. Obelisco à Colônia Libanesa.
Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

Referências

BAKOS, Margaret; BRITO, Márcia; SILVA, Bartira. *Obeliscos americanos: polêmicos da gênese à forma*. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/obeliscos.pdf>. Acessado em 30/05/2013

GOMBRICH, E.H. *A história da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

JANSON, H.W; JANSON, A.F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada – Da Pré-história ao Pós-Moderno*.

Trad. Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Sites

<http://umolharsobreart.blogspot.com.br/2013/04/3-arte-do-proximo-orient-antiga-arte.html>. Acessado em 05/05/2013.

http://www.arteducacao.pro.br/hist_da_arte/hist_da_arte.htm. Acessado em 29/05/2013.

<http://www.jornalfranciscologia.jex.com.br/religiosos/torres+construidas+no+fundo+sao+obeliscos>. Acessado em 05/05/2013.

http://www.histeo.dec.ufms.br/trabalhos/estet_2009/Arte%20Egipcia.pdf. Acessado em 05/05/2013.

<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+18040,,obelisco-a-colonia-italiana.html>. Acessado em 29\04\2013.

<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+1807a,,obelisco-a-colonia-portuguesa.html>. Acessado em 29\04\2013.